

MAIS ELOGIOS PARA NOMADLAND

Este é um livro importante. Uma crónica calmamente afirmada de devastação. Contudo, ao ser contado em histórias sucessivas, é também uma coleção fascinante de contos sobre pessoas irresistíveis – pessoas excêntricas e corajosas que merecem respeito e uma vida decente.»

Louise Erdrich, autora de *Future Home of the Living God* e *A Casa Redonda*, para *The Millions*

«Bruder é uma escritora elegante e graciosa.»

Parul Sehgal, *New York Times*

«[Um] livro devastador e revelador.»

Timothy R. Smith, *Washington Post*

«Uma peça de jornalismo envolvente de primeira classe.»

San Francisco Chronicle

«Uma reportagem emocionante.»

O Magazine

«Ao mesmo tempo maravilhosamente humano e profundamente preocupante, o livro oferece uma viagem reveladora do futuro cada vez mais desigual, instável e inseguro em direção ao qual o nosso país se dirige rapidamente.»

Astra Taylor, *The Nation*

«Alguns leitores virão porque adoram narrativas de viagens, mas o estudo de Bruder deve interessar a qualquer pessoa que se preocupe com o futuro do trabalho, da comunidade e da reforma.»

Peter C. Baker, *Pacific Standard*

«Jornalismo importante e revelador.»

Kim Ode, *Minneapolis Star Tribune*

«Bruder conta [esta] história com uma percepção, detalhes e uma franqueza emocionantes. Nas mãos de uma excelente escritora, este é um perfil fantástico de uma subcultura que recebe pouca atenção ou é tratada pelos meios de comunicação como tendo um passatempo peculiar, em vez de uma estratégia de sobrevivência.»

Peter Simon, *Buffalo News*

«No início do século xx, os homens costumavam seguir o caminho de ferro em busca de trabalho, partilhando acampamentos à noite. Hoje, como Bruder brilhantemente relata, há uma nova classe de trabalhadores nômadas – pessoas idosas que viajam nas suas autocaravanas de um armazém da Amazon para outro, à medida que os empregos de curto prazo ficam disponíveis. Há muitas coisas que nos são desconfortáveis aqui, desde os salários baixos e os trabalhos fisicamente esgotantes até uma insegurança constante. Contudo, surpreendentemente, *Nomadland* também oferece aos seus residentes a tão necessária camaradagem e aventura, o que torna a leitura deste livro uma alegria.»

Barbara Ehrenreich, autora de *Nickel and Dimed*

«O acampamento como o lar de último recurso, a caravana usada não para férias, mas para sobrevivência; estes são os ingredientes de uma nova distopia. *Nomadland* é um livro de viagens inteligente para a nova economia, cheio de convivência e presságios sombrios.»

Ted Conover, autor de *Rolling Nowhere*, *Newjack* e *Immersion*

«As pessoas que acham que o colapso financeiro de 2008 acabou há muito tempo precisam de conhecer as pessoas que Jessica Bruder conheceu neste livro escaldante, maravilhosamente escrito, vívido, perturbador (e, ocasionalmente, engraçado). *Nomadland* é um testemunho da generosidade e da criatividade das vítimas da nossa economia medieval moderna, escondidas à vista de todos, e da brutalidade contundente que as colocou ali. É este o melhor que a nação mais rica do planeta pode fazer por aqueles que já fizeram tanto?»

Rebecca Solnit, autora de *As Coisas que os Homens me Explicam* e *A Paradise Built in Hell*

«Atraente, profundamente investigado e alarmante.»

Ellie Robins, *Los Angeles Times*

«Um trabalho fascinante de etnografia profunda e jornalismo convincente. [Uma] viagem necessária através de uma subcultura americana oculta que vive na estrada.»

Amber Cortes, *Stranger*

«Um excelente artigo de jornalismo de imersão e também o vislumbre de uma parte inesperada da vida americana.»

Christian Science Monitor

«O que o fotógrafo Jacob Riis fez pelos pobres dos alojamentos sociais *How the Other Half Lives* (1890) e o que o romancista Upton Sinclair fez pelos trabalhadores dos currais em *The Jungle* (1906), a jornalista Bruder faz agora por um segmento dos americanos mais velhos de hoje forçados a ganhar a vida como trabalhadores migrantes. [Um] livro poderoso.»

Connie Fletcher, *Booklist*, crítica destacada

«Uma investigação de não-ficção reveladora de como os americanos falidos vivem as suas vidas na estrada após a recessão, tendo a mobilidade como a sua única posse.»

Justin Tyler Clark, *Los Angeles Review of Books*

«O olhar incisivo e revelador de Bruder defende a dignidade dos trabalhadores aos quais muitos chamariam descartáveis.»

Tim Norton, *Providence Journal*

«Escrito com a graça e a riqueza de pormenor encontrados no trabalho de gigantes criativos da não-ficção como Edward Abbey e John McPhee.»

David Starkey, *Santa Barbara Independent*

«*Nomadland* expõe a realidade que a maioria de nós não vê, ao mesmo tempo que humaniza aqueles que têm de depender de uma versão moderna de seguir o caminho de ferro.»

Paul Taunton, *National Post* (Canadá)

«Um trabalho jornalístico de primeira linha, *Nomadland* é uma representação poderosa da América no rasto da Grande Recessão, apresentando com franqueza as lutas das pessoas para sobreviverem com a esperança e camaradagem que tornam esses desafios suportáveis.»

Grace Parazzoli, *Santa Fe New Mexican*

Para o Dale

«Há uma fenda em tudo. É assim que a luz entra.»

LEONARD COHEN

«Os capitalistas não querem que ninguém viva fora do seu sistema económico.»

COMENTADOR ANÓNIMO,
AZDAILYSUN.COM

ÍNDICE

PREFÁCIO	17
----------------	----

Parte Um

1. A Estalagem do Aperto	23
2. O Fim	49
3. Sobreviver na América	61
4. Plano de Fuga	91

Parte Dois

5. A Cidade da Amazon	119
6. O Local da Reunião	141
7. O Encontro dos Vagabundos Sobre Rodas	163
8. Halen	193
9. Algumas Experiências Insuperáveis	213

Parte Três

10. A Palavra S 231

11. Regresso a Casa 237

CODA: O Polvo no Coco 275

AGRADECIMENTOS 285

NOTAS 289

PREFÁCIO

Enquanto escrevo isto, eles estão espalhados por todo o país...

Em Drayton, no Dakota do Norte, um antigo taxista de 67 anos de São Francisco trabalha na colheita anual de beterraba sacarina. Trabalha do nascer ao pôr do sol em temperaturas que caem abaixo de zero, ajudando os camiões que chegam dos campos a despejar várias toneladas de beterraba. À noite, dorme na furgoneta que tem sido a sua casa desde que a Uber o expulsou do negócio dos táxis e pagar a renda se tornou impossível.

Em Campbellsville, no Kentucky, uma antiga empreiteira de 66 anos arruma produtos durante o turno da noite num armazém da Amazon, empurrando um carrinho ao longo de quilómetros pelo piso de cimento. É um trabalho entorpecedor e ela esforça-se por passar corretamente cada artigo pelo leitor de códigos de barras, na esperança de evitar ser despedida. De manhã, regressa à sua minúscula caravana, atracada num dos vários parques de autocaravanas que têm contrato com a Amazon para alojar trabalhadores nómadas como ela.

Em New Bern, na Carolina do Norte, uma mulher cuja casa é um reboque em forma de lágrima – tão pequeno que pode ser puxado por uma moto – está a viver no sofá de uma amiga enquanto procura trabalho. Mesmo com um mestrado, a mulher de 38 anos natural do Nebraska não consegue encontrar um emprego, apesar de ter preenchido centenas de candidaturas só no mês anterior. Ela sabe que a colheita da beterraba está a contratar pessoas, mas atravessar meio país exigiria mais dinheiro do que aquele que possui. Ter perdido o emprego vários anos antes numa organização sem fins lucrativos é uma das razões pelas quais se mudou para o reboque. Depois de o financiamento do seu posto de trabalho ter acabado, deixou de lhe sobrar dinheiro suficiente para a renda depois de pagar os empréstimos estudantis.

Em San Marcos, na Califórnia, um casal na casa dos 30, a viver numa autocaravana GMC de 1975, mantém uma venda de abóboras à beira da estrada juntamente com um parque de diversões infantil e um mini zoo, o qual tiveram cinco dias para montar num terreno baldio. Daqui a poucas semanas passarão a vender árvores de Natal.

Em Colorado Springs, no Colorado, um habitante de caravanas de 72 anos, que partiu três costelas a fazer um trabalho de manutenção num acampamento, está a recuperar durante uma visita à família.

Sempre houve itinerantes, vagabundos, sem-abrigo e almas inquietas. Contudo, agora, no terceiro milénio, está a surgir um novo tipo de tribo errante. Pessoas que nunca se imaginaram como nómadas estão a fazer-se à estrada. Estão a desistir das casas e apartamentos tradicionais para viver naquilo a que alguns chamam «propriedade sobre rodas» – furgonetas, autocaravanas em segunda mão, autocarros escolares, *pick-ups*, reboques de viagem e, simplesmente, carros velhos. Estão a fugir das escolhas impossíveis que aquela que costumava ser a classe média enfrenta. Decisões como:

Prefere ter comida ou um tratamento dentário? Pagar a sua hipoteca ou a sua conta da luz? Pagar o carro ou comprar medicamentos? Pagar a renda ou os empréstimos estudantis? Comprar roupas quentes ou gasolina para ir trabalhar?

Para muitos, a resposta parecia radical no início.

Não podemos dar um aumento a nós mesmos, mas que tal eliminarmos a nossa maior despesa? Trocar um domicílio de tijolos por uma vida sobre rodas?

Alguns chamam-lhes «sem-abrigo». Os novos nómadas rejeitam esse rótulo. Equipados com abrigo e transporte, adotaram uma palavra diferente. Referem-se a si mesmos, simplesmente, como «sem-casa».

À distância, muitos deles poderiam ser confundidos com turistas reformados despreocupados a viajar em caravanas. Às vezes, quando vão ao cinema ou jantar num restaurante, misturam-se com a multidão. Em termos de mentalidade e aparência, pertencem na sua maior parte à classe média. Lavam a roupa em lavandarias e inscrevem-se em ginásios para usar os chuveiros. Muitos fizeram-se à estrada depois de as suas poupanças terem sido destruídas pela Grande Recessão. Para manterem os seus tanques de gasolina e os estômagos cheios, trabalham muitas horas em trabalhos físicos difíceis. Numa época de salários baixos e aumento dos custos de habitação, eles livraram-se das rendas e das hipotecas como forma de sobreviver. Estão a sobreviver na América.

No entanto, para eles – como para qualquer pessoa – a sobrevivência não é suficiente. Portanto, o que começou como um esforço de último recurso tornou-se um grito de guerra por algo maior. Sermos humanos significa desejarmos mais do que a subsistência. Tanto como comida ou abrigo, precisamos de esperança.

E há esperança na estrada. É um subproduto do impulso para a frente. Uma sensação de oportunidade, tão ampla como o próprio país. Uma convicção profunda de que algo melhor virá. Está logo ali adiante, na próxima cidade, no próximo trabalho, no próximo encontro ocasional com um estranho.

Acontece que alguns desses estranhos também são nómadas. Quando se encontram – *online*, num trabalho ou a acampar à margem do sistema – começam a formar-se tribos. Existe um entendimento comum, um sentimento de pertença. Quando a furgoneta de alguém se avaria, eles fazem uma recolha de dinheiro. Há uma sensação contagiante; está a acontecer algo importante. O país está a mudar rapidamente, as velhas estruturas estão a desintegrar-se e eles estão no epicentro de algo novo. Em torno de uma fogueira partilhada, no meio da noite, isso pode parecer um vislumbre de utopia.

Neste momento em que escrevo, é outono. Em breve, o inverno chegará. Os despedimentos de rotina irão começar nos empregos sazonais. Os nómadas irão desmontar o acampamento e voltar para o seu verdadeiro lar – a estrada –, movendo-se como células sanguíneas pelas veias do país. Partirão em busca de amigos e parentes ou apenas de um lugar quente. Alguns atravessarão o continente. Todos contarão os quilómetros que se desenrolam como uma película do filme da América. Restaurantes de *fast-food* e centros comerciais. Campos dormentes sob a geada. Concessionários de automóveis, megaigrejas e restaurantes abertos toda a noite. Planícies incaracterísticas. Zonas de alimentação de gado, fábricas mortas, terrenos parcelados e grandes armazéns. Picos cobertos de neve. A beira da estrada passa velozmente o dia todo até a noite cair, até o cansaço se instalar. De olhos turvos, eles encontram lugares para sair da estrada e descansar. Em parques de estacionamento do Walmart, em ruas suburbanas tranquilas e em áreas de descanso para camiões, por entre a canção de embalar dos motores ao ralenti. Depois, às primeiras horas da manhã – antes que alguém perceba – estão de volta à autoestrada. Enquanto conduzem, estão seguros deste facto:

O último lugar gratuito na América é um lugar de estacionamento.

Parte Um

CAPÍTULO UM

A Estalagem do Aperto

Na via rápida Foothill, a cerca de uma hora de Los Angeles para o interior, uma cadeia de montanhas assoma-se diante do tráfego que segue para norte, interrompendo repentinamente os subúrbios. Esta zona de natureza é o limite sul das Montanhas de San Bernardino, uma «escarpa alta e íngreme» nas palavras do Departamento Geológico dos Estados Unidos. Faz parte de uma formação que começou a crescer há onze milhões de anos ao longo da Falha de Santo André e ainda continua a aumentar atualmente, ganhando alguns milímetros todos os anos à medida que as placas do Pacífico e da América do Norte chocam. No entanto, os picos parecem crescer muito mais depressa quando conduzimos em direção a eles. São o tipo de visão que nos põe em sentido e nos cria uma sensação de enchimento no peito, como se houvesse hélio a encher-nos a caixa torácica, o suficiente, talvez, para nos levar para longe.

Linda May aperta o volante e observa as montanhas que se aproximam através de lentes bifocais com armações cor-de-rosa. O seu cabelo prateado, que lhe cai abaixo dos ombros, está puxado para trás, afastado do rosto e preso com um gancho de plástico. Ela sai da via

rápida Foothill e entra na autoestrada 330, também conhecida por City Creek Road. Durante alguns quilómetros, o pavimento é plano e largo. Depois, fica reduzido a uma serpentina íngreme, com apenas uma faixa em cada sentido, iniciando a subida para a Floresta Nacional de San Bernardino.

A avó de 64 anos conduz um Jeep Grand Cherokee Laredo, que foi destruído e enviado para a sucata antes de ela o comprar num parque de salvados. A luz de «verifique o motor» é inconstante – tem o hábito de piscar quando nada está, de facto, avariado – e um olhar mais atento revela que a tinta branca no capô, que foi raspada e substituída, está meio tom diferente do resto do carro. No entanto, depois de meses de reparações, o veículo está finalmente em condições de funcionar. Um mecânico instalou uma nova árvore de cames e os tuchos hidráulicos. Linda melhorou o que pôde, esfregando os faróis embaciados com uma *T-shirt* velha e repelente de insetos, um truque do tipo faça-você-mesmo. Pela primeira vez, o jipe está a rebocar a casa de Linda: uma pequena caravana amarelo-clara a que ela chama «Estalagem do Aperto». Quando os visitantes não percebem o nome na primeira menção, ela coloca-o numa frase – «Sim, há espaço, apertem-se!» – e sorri, revelando linhas de riso profundas. A caravana é uma relíquia de fibra de vidro moldada, uma Hunter Compact II, construída em 1974 e anunciada originalmente como a «conquista culminante nas viagens de lazer», que «se move calmamente em estrada aberta e agarra como uma lapa quando as coisas se tornam difíceis». Quatro décadas depois, a Estalagem do Aperto parece uma encantadora cápsula de suporte de vida retro; uma caixa com bordas arredondadas e lados inclinados, geometricamente reminiscentes dos recipientes de esferovite que costumavam ser usados nas casas de hambúrgueres. Dentro, mede três metros de ponta a ponta, aproximadamente o mesmo comprimento interior da carroça coberta que transportou a trisavó de Linda através do país há mais de um século. Tem alguns toques distintivos da década de 1970: napa acolchoada em cor creme a cobrir as paredes e o teto e linóleo com um padrão de mostarda e abacate no chão. O tejadilho é alto o suficiente para Linda ficar de pé. Depois de comprar a caravana por 1.400 dólares num leilão, ela descreveu-a no Facebook. «Tem 1,61 metros no interior e eu tenho 1,58», escreveu. «É o encaixe perfeito.»



Linda May com o seu cão, Coco.

Linda está a levar a Estalagem do Aperto até Hanna Flat, um acampamento na floresta de pinheiros a noroeste de Big Bear Lake. É maio e ela planeia ficar lá até setembro. Contudo, ao contrário dos milhares de visitantes do tempo quente, que viajam por lazer todos os anos até à Floresta Nacional de San Bernardino – uma faixa de área selvagem maior do que o estado de Rhode Island –, Linda está a fazer esta viagem para trabalhar. É o seu terceiro verão como anfitriã de acampamento, um trabalho sazonal que é, em partes iguais, empregada de limpeza, caixa, caseira, guarda e comité de boas-vindas. Ela está entusiasmada por começar a trabalhar e a receber o aumento anual para trabalhadores recorrentes, o que elevará o seu salário por hora para 9,35 dólares, um aumento de 20 cêntimos em relação ao ano anterior (na altura, o salário mínimo da Califórnia era de 9,00 dólares à hora). Além disso, embora ela e os outros anfitriões de acampamento sejam contratados «segundo as necessidades», de acordo com a política de emprego escrita da empresa – o que significa que podem ser despedidos «a qualquer momento, com ou sem justa causa ou pré-aviso» –, disseram-lhe para esperar obter quarenta horas completas de trabalho por semana.

Alguns anfitriões de acampamento de primeira viagem esperam umas férias remuneradas no paraíso. É difícil culpá-los por isso.

Os anúncios para o emprego estão salpicados de fotos de riachos cintilantes e prados sufocados por flores silvestres. Um folheto da Califórnia Land Management, a concessionária privada que emprega Linda, mostra senhoras de cabelos grisalhos a sorrir encantadas na margem de um lago ensolarado, de braços dados como se fossem melhores amigas num acampamento de verão. «Ganhe dinheiro para acampar!», persuade um anúncio de recrutamento da American Land & Leisure, outra empresa que contrata anfitriões de acampamento. Por baixo do título estão alguns depoimentos: «Os membros da nossa equipa dizem que “a reforma nunca foi tão divertida”, “desenvolvemos amizades para a vida toda” e “estamos mais saudáveis do que nunca”.»

Os novatos são conhecidos por se recusarem – e às vezes desistirem – quando são confrontados com as partes menos pitorescas do trabalho: fazer de ama-seca a bêbados, lidar com campistas barulhentos, retirar montes de cinzas e vidros partidos das fogueiras (os visitantes turbulentos gostam de atirar garrafas para as chamas para as fazer explodir) e o ritual de limpar as latrinas três vezes ao dia. Embora cuidar das casas de banho seja a tarefa menos favorita da maioria dos anfitriões de acampamento, Linda não se incomoda e até tem algum orgulho em executá-la bem.

– Quero-as limpas porque os meus campistas estão a usá-las – diz ela. – Não tenho fobia a germes, basta calçar umas luvas de borracha e fazê-lo.

Quando Linda chega às Montanhas de San Bernardino, as vistas do vale são sublimes, mas perturbadoras. A beira da estrada é estreita, com apenas margem suficiente para ser considerada uma berma. Ao longo de alguns trechos, não há nada além de ar para lá da faixa de asfalto que se agarra à encosta. As placas de sinalização avisam os condutores: «Área de deslizamento de pedras» e «Evite o Sobreaquecimento: Desligue o A/C Durante os Próximos 22 quilómetros.» Porém, nada disso parece abalar Linda. A sua experiência como motorista de camiões de longa distância, há quase duas décadas, tornou-a destemida perante as estradas difíceis.

Estou a conduzir uma autocaravana logo adiante de Linda. Como jornalista, tenho passado algum tempo com ela, intermitentemente, desde há ano e meio. Entre as visitas pessoais, falamos ao telefone tantas vezes que já antecipo a sua saudação familiar a cada chamada antes

mesmo de ela atender. É um melódico «Olááááá-ááááááá», dito com a mesma melodia de três notas que usamos para dizer «Estou a ver-te!» quando brincamos às escondidas com uma criança.

Conheci originalmente Linda enquanto investigava uma história para uma revista sobre a subcultura crescente de nómadas americanos, pessoas que vivem o tempo todo na estrada.¹ Tal como Linda, muitas dessas almas errantes estavam a tentar escapar de um paradoxo económico: a colisão das rendas em ascensão com os salários fixos, uma força imparável que se depara com um objeto imóvel. Eles sentiam-se como se estivessem presos num torno, dedicando todo o seu tempo a empregos esgotantes e sugadores da alma, que mal pagavam o suficiente para cobrir a renda ou uma hipoteca e sem nenhuma forma de melhorarem a sua situação a longo prazo ou nenhuma promessa de algum dia se poderem reformar.

Esses sentimentos eram baseados em factos concretos. Os salários e os custos de habitação têm divergido tão dramaticamente que, para um número cada vez maior de americanos, o sonho de uma vida de classe média passou de difícil a impossível. Enquanto escrevo isto, há apenas uma dúzia de condados e uma área metropolitana na América onde um trabalhador com o salário mínimo a tempo inteiro pode pagar uma renda justa para um apartamento de um quarto. Teríamos de ganhar pelo menos 16,35 dólares por hora – mais do que o dobro do salário mínimo federal – para podermos alugar um apartamento desse tipo sem gastarmos em alojamento mais do que os 30 por cento do rendimento recomendados. As consequências são terríveis, especialmente para um em cada seis lares americanos, que gastam mais de metade do que ganham no alojamento. Para muitas famílias de baixos rendimentos, isso significa que sobra pouco ou nada para comprar alimentos, medicamentos e outros bens essenciais.

Muitas das pessoas que conheci achavam que tinham passado demasiado tempo a perder num jogo viciado. Então, encontraram uma maneira de furar o sistema. Desistiram das suas casas tradicionais de «pedra e tijolo», quebrando as algemas das rendas e das hipotecas. Mudaram-se para furgonetas, autocaravanas e reboques, viajam de um

¹ Quando embarquei nesta história pela primeira vez, mal sabia que ela se iria transformar num projeto maior, com três anos de reportagem e centenas de entrevistas.

sítio para o outro seguindo o bom tempo e mantêm os seus tanques de gasolina cheios trabalhando em empregos sazonais. Linda é membro dessa tribo. Enquanto ela migra pelo Oeste, eu estou a segui-la.

Quando a subida íngreme das Montanhas de San Bernardino começa, a minha alegria por ver os picos à distância diminui. De repente, sinto-me ansiosa. A ideia de conduzir por curvas em ziguezague na minha furgoneta desajeitada assusta-me um pouco. Ver Linda puxar a Estalagem do Aperto com o seu jipe chocalheiro assusta-me bastante. Antes, ela disse-me para ir a frente dela. Queria ir atrás, a seguir-me. Mas porquê? Será que achava que o seu reboque se poderia soltar e descair? Nunca descobri.

Depois da primeira placa para a Floresta Nacional de San Bernardino, um camião-tanque reluzente surge atrás da Estalagem do Aperto. O condutor parece impaciente, um pouco perto demais no momento em que entram numa série de curvas em S que escondem Linda da minha vista no espelho retrovisor. Continuo à espera de ver o seu jipe. Quando a estrada se endireita novamente, ela não aparece. Em vez disso, o camião reaparece imediatamente na subida. Não há sinal de Linda.

Parando numa saída, ligo-lhe para o telemóvel e espero por aquele «Olááááá-ááááá» familiar. O telefone toca e toca e depois a chamada vai parar ao *voicemail*. Estaciono a furgoneta, saio e ando nervosamente de um lado para o outro do lado do motorista. Tento novamente. Nenhuma resposta. A esta altura, mais carros – meia dúzia, talvez – saíram das curvas, entraram na reta e passaram pelo cruzamento. Tento reprimir uma sensação nauseante, a adrenalina a transformar-se em pânico à medida que os minutos passam. A Estalagem do Aperto desapareceu.

Linda vinha desejando, durante meses, voltar à estrada e começar o seu trabalho como anfitriã de um acampamento. Tinha ficado presa em Mission Viejo, 80 quilómetros a sudeste de Los Angeles, onde estava alojada na casa alugada pela sua filha e genro, Audra e Collin, com três dos seus netos, todos adolescentes. Não havia quartos suficientes, portanto, o neto Julian dormia na zona de refeições sem porta ao lado da cozinha. Era, contudo, uma configuração mais confortável do que

o apartamento anterior da família, onde um armário funcionava também como o quarto de uma das suas duas netas.

Linda ficou com o que sobrava, o sofá junto à porta da frente. Era uma ilha. Por mais que adorasse a sua família, ela sentia-se presa ali, especialmente com o seu jipe parado na oficina. Sempre que os membros da família planeavam uma saída que não a incluía, tinham todos de passar pelo sofá de Linda a caminho da porta. A situação começou a ficar estranha. Linda preocupava-se; será que se sentiam culpados por passarem tempo sem ela? Ela também sentia falta da sua autonomia.

– Prefiro ser a rainha da minha própria casa do que viver como súbdita da rainha da casa de outra pessoa, mesmo que seja a minha filha – disse-me ela.

Ao mesmo tempo, a família tinha ficado abalada – emocional e financeiramente – devido a problemas de saúde, tornando ainda mais difícil para Linda apoiar-se neles. Há mais de três anos que a sua neta Gabbi se sentia fraca, ficando intermitentemente confinada à cama devido a um sistema nervoso que funcionava misteriosamente (mais tarde, testou positivo para a síndrome de Sjogren, uma doença autoimune). Julian, o neto, lidava com diabetes de tipo 1 e a sua filha, Audra, tinha problemas graves de artrite. E como se isso não bastasse, Collin, o ganha-pão, desenvolvera recentemente umas enxaquecas e vertigens fortes que o forçaram a deixar o seu trabalho num escritório.

A certa altura, Linda considerara candidatar-se a um trabalho sazonal num armazém da Amazon através da CamperForce, um programa criado pelo retalhista *online* para contratar trabalhadores itinerantes. Mas ela tinha feito o mesmo trabalho um ano antes e acabara com uma lesão de movimentos repetitivos por usar o leitor de código de barras portátil. O problema deixara-lhe uma marca visível, um caroço do tamanho de uma uva no seu pulso direito. Pior ainda era o que ela não conseguia ver, uma dor lancinante que irradiava por todo o braço direito, do polegar ao pulso, passando pelo cotovelo e pelo ombro e terminando no pescoço. Levantar uma chávena de café de 250 ml ou uma frigideira era o suficiente para desencadear um choque agonizante. Ela acreditava que se tratava de um caso grave de tendinite, mas sabê-lo não ajudava a eliminar o problema. E, sem estar curada, não podia voltar.

Falida e confinada à sua ilha-sofá, Linda tentou concentrar-se no seu futuro como proprietária – e única ocupante – da Estalagem do Aperto. Antes de se hospedar com a família, ela viajava de um emprego para o outro numa autocaravana El Dorado de 1994 com 8,5 metros que sorvia gasolina e estava a começar a cair aos bocados. Portanto, passar para um reboque mais pequeno era bom, embora a Estalagem do Aperto precisasse de algum trabalho. Os antigos donos tinham-na deixado parada no ar salgado da costa do Oregon e algumas das peças de metal tinham começado a ficar corroídas. Havia também uma linha cor de laranja de ferrugem a manchar o casco de fibra de vidro. Linda começou a passar o seu tempo livre em projetos de reforma da sua casa móvel. A sua primeira tarefa foi preparar um agente de limpeza abrasivo – o ingrediente secreto eram cascas de ovo colocadas no liquidificador – que usou para remover a mancha de ferrugem. Outra tarefa foi criar uma cama aconchegante. O reboque tinha uma pequena *kitchenette* ao longo da parede traseira, portanto, Linda retirou a mesa e cortou um molde em cartão que se encaixasse em cima dos bancos. Quando um colchão de casal forrado que parecia novo em folha apareceu no lixo dos vizinhos, ela foi buscá-lo. Abrindo-o, retirou e descartou as molas como uma peixeira a desossar um grande peixe. Em seguida, retirou as camadas de enchimento, marcou-as com um marcador para caberem no seu molde e cortou o excesso de material com um x-ato. Depois de cortar o tecido exterior no mesmo tamanho, coseu novamente a capa – com acabamento e tudo – e encheu-a, criando aquilo que parecia ser um minicolchão perfeito de 180 por 90 centímetros.

– Achei que se fosse mais estreito não seria confortável para dormir com o meu companheiro de cama aqui – disse-me ela, gesticulando para Coco, o seu Cavalier King Charles Spaniel. – Então, fi-lo com 90 centímetros para nós os dois.

No dia antes de Linda partir para Hanna Flat, perguntei-lhe se estava entusiasmada. Ela olhou para mim como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Oh, sim! – disse. – Eu não tinha carro. Não tinha dinheiro. Tenho estado presa naquele sofá. – O seu cheque mensal de 524 dólares da Segurança Social iria sustentá-la até ao primeiro dia de pagamento

do seu novo emprego.² Linda estava pronta para sentir o seu mundo abrir-se novamente depois de ter encolhido para o tamanho de um sofá. Durante demasiado tempo, estivera sem a sua liberdade habitual, aquela onda acelerada de novidades e possibilidades que vem com a estrada aberta. Era a altura de partir.

A manhã do dia 6 de maio estava amena e nublada. Linda e a família trocaram abraços de despedida.

– Ligo-vos quando chegar lá – prometeu ela.

Pôs Coco no jipe e partiu em direção a uma oficina, onde encheu os seus pneus desemparelhados, que estavam rachados e carecas. O jipe não tinha pneu sobressalente. Em seguida, foi a uma estação da Shell. Encheu o tanque e depois entrou para ir pedir o recibo e comprar alguns maços de Marlboro Red 100s. O jovem empregado acenou com a cabeça enquanto ela se recordou de quando comprava 3,8 litros de gasolina por 25 centavos quando era adolescente, muito longe do preço atual de 3,79 dólares.

– Podíamos pôr um dólar de gasolina no tanque e conduzir o dia todo – disse-lhe, abanando a cabeça e sorrindo.

Parecia que nada conseguia abalar o ânimo de Linda, nem sequer regressar ao jipe e encontrá-lo trancado e com as chaves dentro. Coco estava de pé sobre as patas traseiras, com as dianteiras encostadas à porta do condutor, a abanar o rabo. O cão tinha pressionado o botão de trancar, supôs Linda. Felizmente, a janela estava descida com uma abertura de alguns centímetros. Tirei um isqueiro de cabo longo da furgoneta, enfiei a minha mão pela fresta e usei-o para puxar o botão. E a viagem continuou.

A Estalagem do Aperto estava à espera num parque nos arredores de Perris, uma cidade do outro lado das Montanhas de Santa Ana, uma das cadeias peninsulares que separam a região costeira da Califórnia do seu interior desértico mais árido. Chegar lá significava viajar pela autoestrada Ortega. Esta é uma das estradas mais perigosas do estado, «um lugar onde a expansão urbana, a má condução e técnicas obsoletas de construção de estradas se juntam», nas palavras de um repórter do *Los Angeles Times*. A estrada sinuosa costuma estar entupida com

² Em poucas semanas, Linda completaria 65 anos, reduzindo a sua já escassa prestação para 424 dólares, após a dedução dos prémios da Medicare.

pessoas a caminho do emprego, deslocando-se entre Orange County e Inland Empire, mas a meio do dia o trânsito estava, felizmente, ligeiro. Em pouco tempo, Linda estava do outro lado, passando por um punhado da meia dúzia de parques de caravanas que se agarram como colónias de mexilhões à margem oeste do Lago Elsinore. Ela vivera ali há três anos, na Shore Acres Mobile Home Park, alugando por 600 dólares por mês uma caravana estacionada numa faixa de asfalto rachada que se estende entre a autoestrada e a marginal.

Numa loja da Target, Linda comprou comida que durasse até o seu próximo cheque da Segurança Social chegar dali a uma semana: um grande recipiente de cartão de Aveia Quaker, uma dúzia e meia de ovos, carne moída, mortadela, pãezinhos para hambúrgueres, biscoitos Goldfish, bolachas Nutter Butters, tomates, mostarda e 1,8 litros de leite. Embora a data de início do seu trabalho ainda fosse dali a alguns dias, ela ligou ao seu futuro chefe a partir do parque de estacionamento. Linda queria que ele soubesse que ela era de confiança e que levava o trabalho a sério. Estava a caminho, disse-lhe ela e planeava chegar a Hanna Flat antes de escurecer.

Passando por uma cerca anticiclones com arame farpado no topo e bandeiras americanas desbotadas pelo sol, a Estalagem do Aperto estava num parque de estacionamento no lado norte da autoestrada 74. Linda passou pelo portão. O faz-tudo do local, um tipo magro chamado Rudy, com uma barba cinzenta ao estilo Van Dyke, aproximou-se para a cumprimentar. Trocaram piadas enquanto Linda preparava o reboque e se tentava lembrar de tudo na sua lista de tarefas.

– A minha mente é como uma armadilha de aço, nada entra e nada sai – brincou Rudy. Eles ainda estavam a conversar quando ela desceu demasiado depressa da porta do reboque, desequilibrando-o. A Estalagem do Aperto balançou sobre o único eixo e a traseira chocalhou contra o chão. – Não devias ter comido aquele pãozinho de canela esta manhã, pois não? – provocou Rudy.

Linda endireitou-se: – Que adrenalina! – disse. Felizmente, não se tinha partido nada, nem nela nem na Estalagem do Aperto.

Linda prendeu um suporte na parte da frente do reboque para sustentar as duas botijas de propano de nove quilos que abasteciam o seu frigorífico, os bicos de fogão e uma pequena lareira. Finalmente, Rudy ajudou-a a atrelar a Estalagem do Aperto ao jipe. Ela ligou a ignição

e avançou, a princípio com hesitação. Acenando um adeus, saiu pelo portão. Tal como o antigo folheto publicitário prometia, o reboque «seguiu-a calmamente».

Quando Linda não apareceu depois das primeiras curvas nas Montanhas de San Bernardino, o meu cérebro percorreu um conjunto de desastres possíveis. Talvez o motor tivesse gripado, talvez ela tivesse furado um pneu — más notícias quando não há sobressalente — ou, pior, rebentado um. Os receios tornavam-se mais negros. E se a Estalagem do Aperto se tivesse desengatado e caído pelo monte abaixo? E se uma curva mais larga tivesse empurrado o jipe para a berma, fazendo-a cair no desfiladeiro, como uma repetição da cena climática de *Thelma & Louise*?

Eu estava a pôr a furgoneta a trabalhar para voltar para trás e ir procurá-la quando o telefone tocou.

– Já vou ter aí – disse Linda.

Senti uma onda de alívio quando ela apareceu no cruzamento, mas foi de curta duração. Linda parou e apontou para algo de estranho no seu reboque: o suporte das botijas de gás propano estava vazio. Ambas as botijas tinham voado nas curvas apertadas. Uma delas, ainda presa à mangueira, tinha saltado atrás da Estalagem do Aperto, arrancando um pedaço de dez centímetros à sua carapaça de fibra de vidro, enquanto a outra soltara-se completamente e rebolara pela estrada como uma erva daninha combustível. O camião de petróleo, ainda a segui-la de perto, desviou-se para a evitar e ultrapassou Linda, que teve sorte e encontrou um pedaço de estrada com espaço para encostar. A botija desgovernada parou do outro lado da autoestrada. Linda avaliou a sua situação – escondida na borda exterior de uma curva cega, era invisível para o trânsito que se aproximava – e resistiu ao impulso de a ir recuperar. «É uma botija de propano de 20 dólares e eu sou uma pessoa inestimável!», lembra-se de ter pensado. Desprendeu a botija restante da mangueira e arrumou-a no reboque.

Com aquele quase acidente evitado, Linda continuou a subir a montanha. Passou pelas comunidades de Arrowbear Lake e Running Springs, cujas encostas alpinas traziam esquiadores e praticantes de *snowboard* durante o inverno e agora atraíam praticantes de bicicleta

de montanha e caminhantes. Passou pela barragem centenária em Big Bear Lake, um reservatório alimentado pela neve, e percorreu a sua costa norte através do habitat da águia-careca. Seguiram-se Grout Bay e a pequena cidade de Fawnskin, cujo nome atual fora dado por investidores do início do século xx que acharam que um lugar chamado «Grout»³ não iria atrair turistas. Ali, havia um armazém abastecido com tudo o que um aventureiro poderia precisar: iscos de pesca, geleiras de cerveja, tobogãs, correntes para pneus, sacos-cama, guarda-sóis e garrafas de bebidas em forma de espingarda como lembrança. «Shots de tequila», explicou o empregado. O parque da cidade próxima estava cheio de monumentos em fibra de vidro a homens de uniforme, incluindo um jogador de basebol, um chefe índio, um *cowboy*, um bombeiro, um piloto de caças, um pirata e um guarda-patrulheiro da autoestrada. Pareciam que eram capazes de começar a cantar o «Y.M.C.A.»

– Todas estas estátuas! – exclamou Linda durante uma visita posterior a Fawnskin. – Porque é que não há nenhuma mulher? – Então, notou outras esculturas: um par de bois atrelados a uma carroça coberta. Aqueles dois eram provavelmente mulheres, sugeriu, pois não tinham órgãos genitais perceptíveis e eram os únicos a fazer algum tipo de trabalho. A partir de então, sempre que passava pelo parque, ela gritava-lhes: – Olááááá, meninas!

Na Rim of the World Drive, Linda passou por uma propriedade particular cujo relvado incongruentemente tratado era visível atrás de pesados portões trancados e placas de «Proibida a Entrada». Ela diminuiu a velocidade do jipe quando virou para a Coxey Truck Trail. Aqui, o asfalto dava lugar a uma faixa de terra irregular flanqueada por ramos amarelos de *Erysimum capitatum*, que se projetavam por entre as pedras, e arbustos manzanita cobertos de flores cor-de-rosa em forma de urna. Havia também vestígios do incêndio florestal de Butler II, em 2007: troncos de árvores carbonizados que se erguiam na paisagem como espinhos de um porco-espinho gigante. O incêndio devorara mais de 5.600 hectares de floresta, incluindo Hanna Flat, que esteve fechado para obras até 2009. A medida que se aproximava do acampamento, Linda manteve a velocidade baixa e concentrou-se na estrada acidentada, evitando sulcos profundos na terra batida. A Estalagem do Aperto saltitava e chocalhava atrás dela.

³ N. da T.: Argamassa.

Eram cerca das 18 horas, portanto as luzes ainda estavam desligadas quando ela chegou à entrada do acampamento. A 2.100 metros acima do nível do mar, Hanna Flat estava a mais de 1,6 quilômetros acima de Mission Viejo, onde a sua viagem tinha começado naquela manhã. O ar estava mais frio e rarefeito. Ela viu um quadro de avisos e saiu do jipe para o ler. Havia avisos a alertarem todos os visitantes para terem cuidado com as cobras, apagarem as suas fogueiras («TODAS AS FAISCAS ELIMINADAS») e para evitarem trazer lenha com passageiros clandestinos invasores, insetos como a broca dourada do carvalho e patógenos nefastos com nomes como «cancro negro» e «morte súbita do carvalho». Um grande mapa mostrava uma estrada que serpenteava por 88 zonas de acampamento numeradas que podiam ser alugadas por 26 dólares a noite cada. Havia também uma zona não numerada, tão perto da entrada que Linda podia vê-la de onde estava. Tinha algumas comodidades: uma área de estacionamento pavimentada, conexões para água e energia e uma zona de piquenique com uma mesa e um círculo para fogueiras. À frente, perto de um tronco apodrecido colonizado por formigas-de-fogo, uma placa dizia «ANFITRIÃO DO ACAMPAMENTO».

Linda estava em casa pelos quatro meses seguintes.

Além do início do seu trabalho, havia algo mais que levava Linda a contar os dias. Uma amiga vinha trabalhar com ela. Silviannne Delmars, de 60 anos, nunca tinha sido anfitriã de acampamento antes, mas estava entusiasmada por experimentar.

– Com Linda May ao meu lado, eu era capaz de enfrentar um exército! – declarara ela alguns meses antes. Silviannne vivia num Ford E350 Econoline Super Club de 1990, que tinha funcionado como furgoneta para transporte de idosos e de equipas trabalho de reclusos antes de ela o ter comprado no Craigslist. O Ford viera com as juntas da cabeça com fugas, uns travões maus, mangueiras de transmissão da direção estaladas, pneus desgastados e uma ignição que fazia uns sons de raspagem sinistros. Às vezes, a luz solar atingia o lado do passageiro num ângulo que revelava o traçado de umas letras compridas que diziam «Assoc. de Cidadãos Seniores de Holbrook».

Dois amigos de Silvianna sugeriram nomes para o veículo: «Rainha Maria» e «Esmeralda». Não querendo escolher um em detrimento do outro, ela chamou-lhe Rainha Maria Esmeralda. Transformou o interior com lenços em tons vivos, almofadas bordadas, luzes de Natal e um altar com uma vela votiva da Virgem de Guadalupe e uma estatueta de Sekhmet, a deusa egípcia com cabeça de leão. Silvianna partira na sua furgoneta após uma série de desafios: o seu carro fora roubado, ela partira o pulso (sem seguro) e tinha uma casa no Novo México que não podia vender.

– A primeira vez que dormimos no nosso carro no centro da cidade sentimo-nos um fracasso horrível ou um sem-abrigo – explicou ela. – Mas uma coisa boa nas pessoas é que fazemos de tudo um hábito.



Silvianna na sua furgoneta, a Rainha Maria Esmeralda.

Silvianna tinha conhecido Linda pela primeira vez ano e meio antes, quando as duas trabalharam como temporárias em turnos noturnos no armazém da Amazon onde Linda se magoou no pulso. Silvianna era leitora de tarô, embora também tivesse tido empregos na área de saúde empresarial, como empregada de mesa, em vendas a retalho, acupuntura e *catering*. Ela começara a ver a cadeia de acontecimentos que a tinham levado à sua furgoneta como uma influência divina; a deusa a colocá-la num caminho cigano. No seu blogue, *Silvianna Wanders*, ela também caracterizou a transição deste modo: «Uma pessoa da geração

dos *baby boomers*, ainda não em idade de se reformar, desiste da sua antiga cabana de mineiro de pedra e tijolo, dos seus três empregos em *part-time* e do seu apego a qualquer ilusão de segurança que este resquício esfarrapado do Sonho Americano ainda possa trazer à sua alma torturada. O objetivo: seguir pela estrada em busca de uma vida de aventura nómada como a leitora de Tarô – Astróloga Xamânica – Agente de Mudança Cósmica que sempre quis ser.»

Silvianne escreveu uma música à qual chamou «hino do habitante de caravanas». A primeira vez que o cantou para mim, a Rainha Maria Esmeralda estava estacionada no parque de estacionamento de um Burger King, no Arizona, e tínhamos estado a fazer uma entrevista no interior, enquanto tirávamos o pão ralado aos *nuggets* de frango e os dávamos a comer à sua gata de olhos verdes, Layla, que não os comeria de outra maneira. A versão mais recente usa a melodia de «King of the Road» e foi melhorada várias vezes desde que Silvianne começou a escrever letras num trecho solitário da autoestrada 95 no Arizona. O hino é assim:

*Furgoneta de teto alto, velha e batida,
É como viver numa grande lata.
Sem rendas, sem regras, sem homem,
Não estou presa a nenhum lote de terra.*

*Tenho belas florestas para me divertir no verão,
Passo o inverno no sol do deserto.
Sou uma velha alma cigana com novos objetivos,
Rainha da Estrada!*

*Os meus amigos pensam que sou louca,
mas para mim a vida deles é demasiado mansa.
Se às vezes canto os blues,
É um preço pequeno pela vida que escolho.*

*Descobri que todo o espaço é solo sagrado,
Se apenas olharmos em redor
Na nossa busca sagrada pela Terra Nova.
Rainhas da Estrada!*

*Conheço todas as estradas secundárias em cinco estados do Oeste.
Se for uma autoestrada azul, não hesito.
Aprendo todas as histórias estranhas de cada cidade pequena.
Posso chegar lá devagar, mas consigo deslocar-me na minha...*

*Ford de teto alto sugadora de gasolina
Às vezes tenho medo, mas nunca me aborreço,
porque cortei finalmente o cordão
Ao contrário das hordas de consumidores da sociedade.*

*Tenho um felino grande para me manter sã,
Adorável Layla é o seu nome,
Não é realmente selvagem, mas não demasiado mansa,
Rainhas da Estrada!*

Quando Linda chegou a Hanna Flat, Silvianne ainda estava duas horas mais a sul. A Rainha Maria Esmeralda estava estacionada em frente do condomínio de uma amiga em Escondido e ela estava a tirar partido do acesso a uma lavandaria e a banhos quentes (estava a «aproveitar o acesso à garagem» na gíria dos habitantes de caravanas). Reduzida a 40 dólares, ela estava à espera de receber um cartão de crédito pelo correio, o primeiro que tinha em dez anos.

Os primeiros dias de Linda no acampamento foram tranquilos. Houve avistamentos de coiotes e rumores de um puma. Caíram alguns centímetros de neve e ela ligou um aquecedor para aquecer a Estalagem do Aperto. Também comprou uma botija de propano de substituição e decorou o frigorífico com um íman que dizia «Viva cada dia como se a Tia Bee estivesse a ver» acompanhado por uma fotografia da governanta do *The Andy Griffith Show*, juntamente com uma ode à vida nómada chamada «Um Conjunto Completo de Tralha» de um escritor chamado Randy Vining, que também se referia a si mesmo como Mobile Kodger. Começava assim: «Viajo a tempo inteiro com um conjunto completo de tralha / Não menos do que preciso nem mais do que o suficiente». Linda lia livros. Um amigo habitante de caravanas recomendara *Woodswoman: Living Alone in the Adirondack Wilderness* e Linda devorara-o, maravilhada com a independência e a frugalidade da autora, a ecologista Anne LaBastille,

que se inspirara em *Walden* e construía a sua própria cabana usando apenas toros de madeira no valor de 600 dólares. Em seguida, começara *Making Ideas Happen: Overcoming the Obstacles Between Vision and Reality*, um livro de autoajuda para empreendedores que ela estudara em busca de conselhos para a construção de um futuro gratificante. E aninhava-se com Coco, que se aconchegava ao lado dela no seu colchão partilhado, levantando-se às vezes para lhe lamber hiperativamente o rosto.

– Oh, beijos, beijos! – dizia ela ao cão. – Vais gastar essa língua! Vais precisar de recauchutar a língua e adivinha quem vai pagar?

No domingo em que Silvianne deveria chegar, Linda foi refrescar-se em baias de cimento geladas nos chuveiros mais próximos, que ficavam a oito quilómetros de distância, no acampamento Serrano nas margens do lago Big Bear. Para poupar água, as luzes só se ligavam durante intervalos rápidos e tomar banho significava premir repetidamente o mesmo botão cromado. De volta ao parque de estacionamento, Linda escovou os seus longos cabelos ao sol e deu uma reviravolta digna de um anúncio de champôs.

– O meu cabelo já está brilhante? – perguntou ela.



A neve cobre a Estalagem do Aperto no Acampamento de Hanna Flat.